

**Silo com Mensageiros**  
**Microcinema, Centro de Estudos, Parque Punta de Vacas**  
**11 de janeiro de 2010**

Não temos nada a corrigir sobre o que foi dito.

Mas, devemos considerar novamente o tema de como se armam as expressões da Mensagem.

Como se armam as expressões da Mensagem.

Dissemos que reconhecemos certas comunidades da Mensagem de Silo.

Grupos humanos que se colocam de acordo são citados na reunião.

Estudam alguns materiais e atuam mais ou menos em seu meio imediato.

Estas comunidades da Mensagem são sumamente elásticas.

Mas não nos apoiamos nelas, nessas comunidades, nesses grupos, para coordenar determinadas atividades.

Não, nos apoiamos no que conhecemos como núcleos dessas comunidades.

Esses núcleos podem ser numerosos ou podem ser muito pequenos,

mas o que não deveria ocorrer é que existam comunidades sem núcleo.

Porque esses núcleos se supõe que vão coordenar o resto, por um lado,

e por outro lado se supõe que vão coordenar as comunidades entre si.

Certamente não é uma coisa estranha que alguém de uma comunidade saia dela e vá a outra

Não está fixada a um ponto.

Mas os núcleos estão muito relacionados, em relação direta com outros pontos.

E é nesses pontos que tratam de fazer a conexão.

Assim que são os núcleos das comunidades

que fazem toda a conectiva com as pessoas de outras comunidades que não estão presentes.

Porque as comunidades são simplesmente agrupações de pessoas

Que às vezes estão e às vezes não estão, flutuam e não estão ligadas a lugares.

Os núcleos basicamente estão ligados a lugares.

Então se designa a esse núcleo com o nome que tem o lugar.

Que sei eu?! A Comunidade Peñalolén, a Comunidade de...bom,

e aí se está bem, se sustentam esses poucos que coordenam tudo.

Mas há pessoas de uma comunidade que está em certo momento em um ponto, em certo momento em outro ponto.

As comunidades sim são muito variáveis.

Assim que essa organização mínima deveríamos tê-la em funcionamento.

Me parece que o importante desses núcleos é que buscam uma certa permanência de pessoas.

Assim que é muito bom que não flutue, que não “baile” demasiado.

Certamente, pode acontecer que alguém deixe esse núcleo e vá a outra atividade, certamente.

Mas a idéia geral, a direção geral desses pequenos processos é que esses núcleos tenham duração.

As pessoas que se metem nesses núcleos têm duração em seu trabalho, em seu processo,

não se substituem uns por outros continuamente.  
tudo flutua na Mensagem, e os únicos pontos mais ou menos fixos são os dos núcleos.  
Por esse motivo também se pede às pessoas que vão atuar nesses núcleos da Mensagem,  
que não se preocupem de outras atividades,  
ou se se preocupam de outras atividades, que nunca as coloquem em relevo.  
Quer dizer, se joga o rugby que jogue o rugby, se joga golf que jogue o golf.  
Mas não fazemos disso um centro de atividade.  
Expliquemos melhor a idéia.  
Se trabalha em um partido, que faça o que quiser,  
mas não ponha como algo importante nessa coletividade o trabalho que faz nesse partido.  
Entre outras coisas se faz isso,  
para evitar desreferenciação das pessoas.  
Ao final não se saberia, se fosse de outro modo, quem está dirigindo o núcleo.  
Se um partido, se um club de golf.  
Ao ter essa dupla... alguém diz: dá no mesmo, são coisas dele.  
Ao princípio são coisas dele, mas como são referências e estabelecem os sistemas de contato,  
as pessoas se desorientam muito e não se sabe a quem deve responder.  
Se a esse club, a ele.  
Por isso se pede para que as pessoas que se aplicam nos núcleos, estejam exclusivamente nesse ponto.  
E não "eu estou em tal, sei lá eu, organismo e ao mesmo tempo estou...". Não.  
Produzem-se desreferenciações.  
As pessoas não sabem a quem perguntar e a quem referir-se.  
E ademais não sabe qual é a direção que vai tomar essa comunidade,  
já que está, suponhamos, dirigida, orientada por pessoas de um organismo que não têm nada a ver.  
E às vezes não é necessário trabalhar diretamente, dizer coisas diretamente,  
basta estar localizado em outros pontos para que se suponha, por co-presença, que a relação é com outras coisas.  
Este é um ponto muito importante.  
O de não compartilhar as atividades como clubes, movimentos, organismos, etc.  
Escutei uma pessoa dizer que A Mensagem era um organismo do Movimento.  
Claro, essas coisas se dizem. Isso não vai funcionar, nunca funcionou e agora muito menos.  
Mas essas coisas se dizem.  
E são ditas por pessoas interessadas nessa dupla orgânica.  
Que estão nas duas coisas.  
Isso não deve ser.  
Está mal posicionado e é um eixo fora de lugar. Claro.  
Isso acontece também armando calendários, de retiros e seminários da Mensagem.  
Se há dupla participação as pessoas querem mudar as coisas da Mensagem para que não coincidam.  
(inaudível)

Claro, que a festa nacional de um país caia justamente em uma reunião da Mensagem.

Singular isso. Que faça você o que quiser com seu país.

Mas essa atividade que está fixada para esse momento, a faremos.

Difícil seria equivocar-se.

Difícil seria equivocar-se.

Mas a diversidade de integração em muitos organismos, essa dificuldade de integração em muitos organismos,

mostra que de nenhuma maneira nos apoiamos nisso. Na integração em outros organismos.

Não comparamos o que acontece com as datas de trabalho nestes organismos.

O fato de que nos tenhamos posto tudo nessa marcha que aconteceu, para dar um sinal.

Isso publicamente poderia acontecer se em algum momento a futuro estamos todos de acordo em que é importante fazê-lo.

E isso não se diz assim, levemente.

Isso, se chega a essa conclusão, depois de discuti-lo muito, conversá-lo muito e fazer com que tudo coincida.

Assim que não nos preocupamos disso.

Nem de outras coisas que não tem nada a ver.

Olhe tudo o que temos falado sobre esse ponto.

Que as pessoas do núcleo estão, poderiam estar em outra coisa. Bom não nos complique.

Como está ligada a esses lugares, essa comunidade toma os nomes dos lugares.

Ou particularmente o nome desse lugar.

Não temos limite de participação de pessoas.

São muitos ou poucos, não há limite.

Negro, uma consulta, se por exemplo em Peñalolén há três comunidades funcionando na mesma salinha,

as três comunidades se chamam do mesmo modo?

Isso nos leva a confundir as coisas.

Se as três se chamam do mesmo modo, então não sabemos quando na hora de se conectar cada uma delas com outros lugares.

Não deixamos clara a conexão tampouco a outros.

Não vamos vê-lo desde dentro, vejamo-os fora.

Se os de fora se conectam com Peñalolén, então, com qual desses grupos se conecta?

Não nos convém.

Agora se essas pequenas distinções, Peñalolén 1, Peñalolén 2, Peñalolén 3, ou Peñalolén Norte, bom já é uma forma.

Mas tem que ter referências claras.

Até agora, em geral, a tendência tem sido que os nomes tenham nomes significativos.

Sim, sim.

A ideia é mudar isso?

O ideal seria referir-se aos lugares.

Mas poderia chamar-se, por exemplo, comunidade Leão Alado de Peñalolén?

Sim, poderia.

Mas que esteja o Peñalolén. Porque senão, não se sabe.

(inaudível)

... haveria que agregar o lugar, não necessariamente... (inaudível)

Sim, seguramente que sim.

Assim que os nomes tem que ser bem definidos ao final da coisa.

Negro, e quanto ao espaço do lugar, há bairros e cidades, então se trata de fazê-lo no bairro ou maior?

Não me preocuparia muito pela amplitude territorial de cada lugar.

Se no Panamá temos uma só comunidade, suponhamos, por um tempo, temos uma só comunidade.

Teremos um núcleo e esse núcleo é o do Panamá.

Se no Panamá começam a aparecer outras coisas,

ai então temos a necessidade de falar de um distrito tal, outro distrito.

Mas enquanto não vai acontecendo isso tem tanta amplitude quanto aonde chegue.

Claro, isso nos permite localizar as pessoas.

Claro.

Assim que não nos preocupamos desse assunto a menos que haja colisões entre os distintos grupos do lugar.

Então não podem tomar o monopólio do nome Panamá.

(inaudível)

É claro que necessitamos fazer distinções.

Como fazer?

Bom, as pessoas que estão nisto saberão como fazê-lo, mudar um nome...

Sim, sim.

Esse núcleo necessita ter ao menos uma certa permanência no contato, no contato.

Para todo esse tipo de coisas; permanência no contato, os trabalhos diversos que são feitos,

vai necessitando talvez dar ao núcleo certas funções.

Certas funções mínimas.

(inaudível)

... outros se dedicarão a tomar contato com instituições, por exemplo.

Que não são as coletividades e as comunidades da Mensagem.

Podem ser armadas distintas funções dessas.

Para colocar um nome; comissões, por exemplo.

Comissões dedicadas a certas atividades para repartir.

E cobrir todas as zonas da atividade geral que necessita a Mensagem.

Assim que pode haver talvez muito pouquinhas,

muito poucas comissões, ou talvez muitas

E muito numerosas e seus trabalhos são muito variados.

Claro estaria a web da comunidade.

Por exemplo, quem vai se encarregar desta comunidade da web?

Seguramente vai se encarregar alguém que minimamente é do núcleo.

Porque se colocamo-nos no trabalho da web, que é muito relacionante, as pessoas que são da comunidade, mas que não estão no núcleo.

Observem o que acontece com alguém que não está no núcleo,

pode mudar de lugar, etc. E? Não é referência.

Já que tocamos no tema da web.

Essa função deveria ser ocupada por um ou vários, mas do núcleo.

Assim como necessitamos outras funções para tomar contato com as outras comunidades.

Nós temos, já falando desse tema, algumas espécies de web que estão localizadas, posicionadas em alguns lugares e que as diferentes comunidades as consultam, consultam essas webs, porque se trata, não só de colocá-las em ação, senão de atualizá-las.

Tendemos também a pedir a alguns núcleos de comunidades que trabalhem nos Parques.

Que trabalhem nos Parques.

E isso se faz quando alguém do núcleo de uma comunidade faz parte da comissão do Parque.

Ou está ligado às pessoas da comissão do Parque.

Esse contato estreito entre os Parques e as comunidades é importante para que essas comunidades possam mover pessoas ou fazer ações conjuntas nos Parques.

Isto é, aonde atuam?

Atuam em qualquer lado, mas o melhor seria encontrar nos Parques a possibilidade de convocar pessoas para uma certa operação, por exemplo.

Estamos falando das coletividades religiosas.

É possível para algum núcleo que está trabalhando em um Parque.

Isto é, próximo de um Parque, citar a reunião dessas coletividades.

Então na realidade não é o Parque que está crescendo em suas relações ao convocar pessoas de diferentes religiões.

Está crescendo essa comunidade.

Se entende a ideia?

Assim que é recomendável, ali aonde haja Parques, que alguma comunidade trabalhe próximo.

Porque podem ser feitas muitas convocatórias, muito movimento de pessoas para o Parque em termos gerais.

Mas, o que acontece no Parque quando essa comunidade se move com pessoas de uma religião, por exemplo?

Se fala dos temas que têm a ver com ela e não se fala do Parque.

Assim que se está sendo feita uma convocatória, por exemplo, a grupos religiosos e ademais em um Parque.

Bom, muito bem, as pessoas vão as reuniões do Parque, mas são feitas coisas que têm a ver com a comunidade.

Não o que tenha a ver com outras coisas.

Com essa comunidade.

Ou seja, que ali aonde trabalhe uma comunidade da Mensagem, sempre colocamos a marca de que é uma comunidade da Mensagem.

Quer dizer não vai subrepticamente como se fosse uma coisa genérica, e...

Não, é uma comunidade da Mensagem.

Então as pessoas que foram convocadas pela Mensagem, bom, sabem do que se trata.

Não fica em um organismo, nem em nenhuma coisa que não seja A Mensagem. Negro, os Parques, em geral nessa nova etapa, estão mais orientados para o estudo e a reflexão?

Claro, porque de todo modo devemos reconhecer que os Parques saem das atividades da Mensagem.

Isso não o reconhecemos, nem o reconhecem.

Eram parques da Mensagem. Assim começaram.

Sua origem é, entre outras coisas, é da Mensagem e não de outra coisa.

Assim que seguramente seguimos com bastante arrastre nesse sentido.

Mas estamos orientados para os Parques, para o estudo e a reflexão.

Sim, efetivamente.

O que não tira das comunidades a possibilidade de desenvolver atividades nos Parques. Claro, claro, claro.

Assim é, vem de lá.

E ainda que mude a formulação, de todos os modos há esse nexos interno entre os Parques e as comunidades.

Minimamente há um núcleo da comunidade, não está desconectado totalmente.

Sim, aí está a Sala.

Aí está a Sala, claro.

Que é claramente das atividades da Mensagem.

Certamente, é usada por todo mundo e não anda com distinções.

É parte dos trabalhos de estudo, de reflexão, mas claramente, própria da Mensagem.

E os Parques montamo-os desde a Mensagem.

Claro, é assim.

E temos seminários, retiros que fazemos nos Parques.

Claro.

Assim que não se vê tanta dificuldade nesse sentido de que as comunidades tenham contato com os Parques.

Não há problema.

As atividades da Mensagem, ou comunidades da Mensagem, dá no mesmo, que estejam francamente ligadas ao Parque.

E haverá muitíssimas outras que não estão ligadas aos Parques.

Nesse caso as comunidades que não estão ligadas aos Parques.

Buscando algum ponto de aplicação geográfico também.

Não estão nos Parques, mas chegaram a construir sua salinha da Mensagem.

Ou sua Sala da Mensagem, que são locais que tem a ver com os trabalhos da Mensagem.

Então, claro, não se movem como se movem os Parques, mas são lugares de concentração.

Aonde se fazem as reuniões parecidas às que são feitas em outros lugares.

Onde é feito um sistema de contato.

Onde se menciona que existem essas salinhas.

Enfim entra no circuito: a salinha.

Usamos a palavra sala, em outras ocasiões falamos de sala e salinha.

Mas resulta que a palavra sala designa hoje, a esta altura, muitas coisas, muitas coisas.

Mas a salinha que soa como uma coisa minúscula,  
Designa um lugarzinho alugado, emprestado, adquirido, enfim,  
designa um lugarzinho onde se fazem as atividades das comunidades.  
É bem específico.

Algo de bairro.

Como de bairro por exemplo.

Tem outra carga do que a palavra local.

Ah, não, claro

Claro, local não.

Não, a salinha.

Que tem essa espécie de diminutivo que marca um tom.

Salinha.

E nenhuma pessoa importante seguramente vai fazer parte da Salinha.

Isso é certo.

(inaudível)

Assim que a salinha nos interessa bastante porque (inaudível) sob esse perfil.

Um jornal não vai mencionar uma salinha.

Assim foram no mundo antigo, que está bastante distante.

Bah, está distante de nós.

Assim foram as primeiras organizações das diferentes igrejas.

Incluindo o cristianismo em sua origem, antes de que Constantino desse uns locais obsoletos, e velhos ademais,

onde haviam funcionado os mercados.

Não tinha onde colocar as pessoas em uma coisa massiva, que pretendia colocar em andamento Constantino.

Então disse: “agarremos os mercados que estão sobrando e que agrupam muita gente,

tiremos as frutas, os melões, as coisas, fazemos distintas cerimônias...

(inaudível), sim podem... (inaudível), ... é muito engraçado. (inaudível)

Então o melhor se estiverem obsoletos, em ruínas...

A partir daí, a medida que passava o tempo, também a coisa se deteriorava.

Começou por isso, pelos que estavam mais deteriorados.

E ademais eram grandes e abarcavam muita gente, então aí, a partir daí, disse:  
“a partir de agora não é um mercado, é uma igreja”.

(inaudível)

Mas já não era de bairro.

Tratavam de meter a todo mundo aí; e mais, obrigavam as pessoas a fazer parte dessa igreja.

Obrigava-se?

Claro! Em um cristianismo nascente.

O cristianismo nascente se fez expulsando todos os cultos

e consagrando como verdadeiro e único, o culto da igreja; assim.

Era obrigatório.

Então havia um censo rápido:

todos os que pertenciam a um mercado ou a uma igreja eram cristãos.  
Então quando se relacionavam entre si e se perguntavam: em que igreja está? Em nenhuma!  
Específica (essa é livre pensadora).  
Isto não é assim.  
Isto não é assim.  
E quando alguém se convertia, porque escolhia, por persuasão, ou o que seja, a sua aspiração de entrada ademais em um mercado.  
Quer dizer, na igreja se batizavam as crianças recém-nascidas.  
Aí era feito o sacramento do matrimônio,  
Todos os sacramentos,  
A economia dos sacramentos era realizada desde os mercados,  
quer dizer, desde a igreja.  
Assim que não era uma coisa solta que... isso se fez por mérito de Constantino.  
Assim que organizativamente falando, saiu-lhe bem.  
Assim que fizeram desaparecer todos os outros cultos, que se converteram em heresias.  
E ficou consagrado o culto cristão.  
Tudo bem.  
Assim durou uns anos, um século.  
Um transformismo social.  
Bom, interessante.  
Assim que o fizeram os romanos...  
Sim, sim, sim, os romanos, totalmente.  
Romano, totalmente.  
O chefe da igreja era o simétrico do imperador.  
Era o Papa.  
Assim que toda a estrutura organizativa de Roma, se manejava em base ao imperador.  
E toda a estrutura religiosa, se manejava em base ao Papa.  
Assim como havia imperadores, prefeitos, vereadores empossados, etc.  
Assim também apareciam os bispos, arcebispos e ademais, iam levando seu (inaudível) em simetria.  
Ademais, assim o pensou e o explicitou Constantino, em certo momento.  
Ali aonde haja uma organização secular, uma organização secular,  
uma organização político-jurídica.  
Ali tem que haver uma organização simétrica religiosa.  
E por que fez tudo isso? Porque foi um homem religioso?  
Não, porque foi o que se esteve investigando em Roma, já desde a época de Dioclesiano, ou seja, desde antes.  
Começou-se a investigar a possibilidade de dar-lhe coesão a essa coisa que havia crescido,  
mas difusamente, e não tinha nenhuma ordem, e não tinha nenhuma direção.  
Roma se desintegrava como organização política-jurídica também.  
Ia se desintegrando e então disseram estes, e particularmente Constantino:  
“como fazemos desse império algo extenso?  
Como fazemos para dar unidade a esta coisa?

Que século é esse?

Constantino? Em 351 foi feito isso, quer dizer se o colocou em andamento.

Sim, para dar coesão foi.

Toda a coisa da igreja.

Por isso também tanta ferocidade nesse assunto de que a igreja fosse a única.

E sempre com a neurose, de que qualquer coisa os levava a... (inaudível)

Quer dizer ao temor básico de desintegração.

Mas claro, aonde?

Igreja católica, quer dizer, universal.

Apostólica, quer dizer, seguindo em sequência dos que haviam estado supostamente com um tal Jesus, apostólica.

E romana, porque é a organização que se dá.

Tudo isso acontecia.

Assim que a localização geográfica e o que se fazia aí eram importantíssimos.

Havia cristãos, e por isso se optou por eles, porque havia muitas opções nesse momento.

Mas se optou pelos cristãos porque eram pessoas que estavam em diferentes pontos do império.

Totalmente incoerentes entre si e não sei como o faziam para um lado, para outro, mas se supunha que eram cristãos.

Então uma das primeiras tarefas, que lhe custou vários anos a Constantino, foi trazer de vários pontos do império os cristãos que dirigiam a coisa.

Ao princípio se assustaram muito todos os cristãos que havia.

Porque tinham que ir a Roma.

Tiveram que levar acorrentados a vários deles.

A ver se os jogam aos leões outra vez...

E o que estavam tratando de fazer, era dar-lhe coesão, a tudo isso.

com costumes diferentes, com diferentes procedências.

E então os reuniram para poder sapear, os reuniram.

Deram banho, os barbearam, todo esse assunto, e lhes puseram certa roupa.

Ensinaram-lhes o idioma geral que era o latim,

porque vinham de anarquia, das zonas bárbaras, vinham dos arredores de Roma.

Falavam diferentes línguas e ademais todos vinham com a sanata de que

O filho de deus era o filho de deus, mas era homem e ao mesmo tempo deus

E que eram três pessoas, mas não... (inaudível) um deus com três pessoas.

Todo esse rolo tiveram que unificá-lo.

E já no começo aparecem as enormes heresias, de diferentes denominações.

Toda uma bagunça que teve que fazer Constantino com esses sujeitos.

Primeiro teve que localizá-los em diferentes lugares.

E eram muito pouquinhos em diferentes lugares, mas havia que localizá-los e levá-los a Roma.

Porque não tinham outro meio de fazer essa mudança tão súbita de armar uma igreja.

Com esses restos (inaudível), sobras de diferentes lugares.

Isso criou problema até que finalmente deslocaram-se a outras coletividades religiosas.

Criou muito problema o fato de que desde a direção do império

se buscava nada mais daqueles que falavam do cristianismo.  
Agora, os romanos em geral aceitavam.  
Claro que aceitavam,  
E também entrou na cabeça de Dioclesiano a ideia  
de que com tanta religião e com tanto culto não teriam coesão.  
Então está bem para adiantar um pedaço disso de que aceitavam, mas depois,  
Como fazemos para dar-lhe direção.  
Então começam a fechar o tema do culto. Culto.  
E por isso tiveram, entre as primeiras coisas, que produzir esse estranho documento  
que é o Credo, no concílio de Nicea, do ano 351 desta era.  
Então, “creio em deus pai – já começamos-  
todo poderoso, criador do céu e da terra- ou seja de tudo!-  
E em Jesus Cristo seu único filho, nosso senhor,  
que foi concebido por obra e graça do espírito santo...”  
- e ali já temos os três-, bom.  
“Nasceu de santa Maria virgem...” ou seja, nasceu de uma virgem!  
Toda uma estranheza, própria desse (inaudível).  
Mas que fique claro.  
E começaram alguns a bufar e dizer: como vai nascer de uma virgem? Herege!  
Como três? Se há três, pode haver quatro. Herege!  
Então o concílio de Nicea de 351 foi muito importante,  
para dar-lhe coesão, ainda que seja minimamente nas declamações.  
E então em todos os lados, quando se instituiu o culto,  
já todos esses que falavam línguas estranhas, e eram de culturas diferentes  
E com que sei lá eu, coifas de talibãs, toda essa mescla  
de todos modos em suas cerimônias tinham que dizer essa coisa.  
Então apareceu um tipo em na Anglia, perdido por aí, umas coisas estranhas, com  
peles e, bom e se enviava o credo.  
E todos tinham que aprender tudo isso e ensinar-lhe as crianças.  
Senão que?  
Assim que se apegaram aí e houve uns anos muito turbulentos  
pelos quais não se sabia pelo que se ia optar.  
Mas não foi coisa de Constantino somente.  
Foi coisa de Dioclesiano e outros e de todos os assessores, pensadores e ademais,  
de Roma,  
para ver como dar-lhe coesão a essa coisa que tendia a explodir.  
E por exemplo houve momentos em que estavam muito uniformes em seus  
crescimentos, em Roma,  
como eram, sabe-se lá, os Parsi persas que cresciam, e cresciam a maior velocidade  
que os cristãos.  
Os cristãos haviam começado a fazer-se populares em Roma  
e não cresciam a mesma velocidade dos mazdeístas, e ademais.  
Maniqueístas, Mazdeístas, um montão de..., que vinha da Persia.  
Esse era o culto mais poderoso e de maior velocidade e crescimento, ao lado dos  
Cristãos.  
Que havia tido a virtude, em certo momento, de regar-se pelo império.

E isso ocorreu graças a coletividade judia, que depois que os romanos, Com a direção de Tito, destruíram o templo e os dispersaram. Tinham de todos os modos os romanos, uma certa soltura na aceitação de todos eles. O que não queriam é que existisse esse centro. A esse centro o destruíram e perseguiram as pessoas. E mais, fizeram-no com tal ferocidade, nesse ponto, que semearam tudo com sal, para que a futuro não voltassem a plantar nada. Então a destruição do templo e a dispersão do povo judeu Fez com que as pessoas fossem onde podiam. E por isso as primeiras comunidades cristãs se desenvolveram sobretudo em zonas do Oriente Médio, onde estavam mais próximas. As igrejas de Efesos, as igrejas da Ásia Menor, todas aquelas, vinham dessa coletividade. O que trouxe grande problema aos que não eram cristãos. Porque esses eram os que estavam localizados, os primeiros, antes da dispersão do povo judeu. Antes da dispersão já havia colônias. As colônias foram usadas por todas as culturas. Havia colônias gregas, colônias, sabe-se lá, egípcias, em diferentes partes e também colônias judias. Então pessoas muito antigas, do Oriente, localizavam-se em muitos pontos e chegavam depois os novos judeus, mas dispersados pela bagunça da destruição do templo Chegaram lá, e chegaram lá com suas novas crenças. E por que havia conflito? Havia conflito porque eles buscavam os lugares onde havia algum parente. Andavam por onde o tio Samuel estava, sabe-se lá. E chegavam até o tio Samuel e a primeira coisa que diziam ao tio Samuel era que queriam ter reuniões sobre que havia um deus, três, todo um abismo... E então as primeiras reuniões que faziam esses tios com os antigos, com os antigos judeus, eram muito problemáticas e muito conflituosas até que; eram provocativas. Pretendiam nada menos que, a partir do apoio que lhes haviam dado e ademais, que as pessoas fizessem o que eles diziam. Era fantástico. E então houve problemas nas coletividades que eram muito antigas e estavam em diferentes partes. Foi depois da bagunça da destruição do templo e da dispersão, essa nova camada aonde muitos judeus se converteram ao cristianismo nascente. Seguiam sendo judeus, eram tudo isso, mas com toda essa forma estranha. E chegaram aos lugares impondo suas exigências. Bom, enfim. Isso já é uma lateralidade. Agora em todo caso, se o tema de Jesus e os apóstolos fica entre parênteses, pra dizê-lo de uma maneira suave... Qual foi o motor impulsionador que gerou isso. Com essa capacidade de transformação, digamos, era Paulo? Era?

Isso já era parte organizativa, mas ideologicamente, isso é o que logo seria o cristianismo, São adaptações de um pequeno grupo que estava em rechaço com toda a coletividade estabelecida dentro de Israel. Eram os Essênios. Das cidades, porque o mundo era uma cagada, por que iria vir abaixo tudo, ou seja já aconteceu, e eles faziam sua comunidade. E tinham suas regras próprias e tinham o mestre da justiça, que era de onde derivava tudo e eles foram os primeiros que armaram o imaginário do cristianismo. Anteriores ao cristianismo, 250 anos. O mestre da justiça? Chamaram-lhe assim, mestre da justiça. Esse o mataram, e a esse lhe fizeram todas as coisas próprias do que depois ia ser o cristianismo. Mas era uma personalidade efetiva rodeada por tipos que pensavam bastante, e marcaram a forma do que depois ia ser o cristianismo. É uma agrupação judia, muito mais antiga que o cristianismo, onde aparece já, o armado, com os cenários, os lugares, tudo. E o Paulo (inaudível) Não!(inaudível). Paulo era metade judeu, metade romano, tinha dupla nacionalidade. Claro, tinha dupla nacionalidade. Então era, ademais era um tipo muito culto, muito avançado e ademais era muito escutado pelos romanos, que todavia estavam nesse momento onde eram amplos e aceitavam. Paulo começa a colocar o cristianismo muito bem. Saulo! Os Essênios somente estavam em um só ponto? Ah! Sim, sim, na costa do Mar Morto. Eram muito fechados. Eram comunidades de homens, basicamente, não de mulheres. As mulheres podiam colaborar desde longe, mas não fazer parte da comunidade Essênia. Eram muito curiosos, essa formação, mas tiveram uma visão muito grande, talvez por seu isolamento, talvez porque rechaçavam tudo do outro. Dedicaram-se durante muito tempo a trabalhar suas imagens, que logo se projetaram. E em que momento o cristianismo muda, se faz essa coisa sofredora, essa coisa? Não! Isso acontece, já quando cresce a organização do cristianismo ligada ao Império. Claro, mas antes esses cristãos não eram muito soltinhos, salvo os Essênios que tinham isso... que são pais do cristianismo. Há algum relato dos Essênios? Os Essênios têm muitos relatos, muitas construções literárias, eram muito graciosos. Mas não falam de Jesus. Não, não, não (inaudível) Bom, não importa, mas (inaudível). Havia um Jesus que havia nascido em Nazaré, enfim,

quer dizer existiam os lugares da cenografia que eles montaram;  
existia e lhe puseram personagens dentro da cena, foi muito interessante.  
E formaram o mito.  
Claro, porque então foi feito, que Jesus havia nascido em um lugar muito (inaudível).  
Que deu-lhe a (inaudível) dada a condição de (inaudível)  
(inaudível)  
(inaudível), mas ao mesmo tempo situar estes paralelos  
entre o papa e o imperador por outro lado apoderou-se de tudo (inaudível)  
Ah, não, não, o mérito político de Constantino e antes de Dioclesiano é grande.  
É grande o mérito ao cair em conta de que o que estavam necessitando era uma  
coesão espiritual.  
Que não lhes bastavam seus exércitos, seu dinheiro,  
com todos esses esforços que haviam feito para conectar o império.  
O que eram as estradas romanas.  
Era um dos pontos importantíssimos.  
Levar as vias, a via Apia, a via Claudia, todas essas vias conectavam com o resto do  
império.  
Conectavam a Roma.  
Então se preocuparam muitíssimo pelas estradas.  
Um segundo fator, depois, que trataram de dar unidade, foi a vestimenta.  
E tratavam de que aqueles que aspiravam serem reconhecidos por Roma ademais, se  
vestissem a romana.  
O direito e a língua também.  
Isso também.  
Tratavam de levar seu código lingüístico a diferentes pontos.  
Então foi todo um trabalho grande porque a coisa se rompia.  
Então fizeram muito trabalho para dar-lhe coesão e nada funcionou.  
Nada funcionou e então já com Constantino a coisa estourou.  
Começaram a fazer todo tipo de artifício, mas em seguida há levantes, seguido da  
ruptura deste império,  
que é demasiado grande para esta cidade que pretende manejá-lo.  
Então entenderam logo, Constantino, sobretudo, que necessitavam uma coesão não  
material.  
Ademais estavam debilitados diante das ameaças externas, pode ser?  
Sem dúvida, sem dúvida!  
É um lindo exemplo!  
Muito curioso todo o que fizeram dar coesão.  
Muito curioso  
E depois que comprovaram que em todos os lugares havia um cristão, disseram:  
“bom, é disso que necessitamos”  
Se os lugares são tão distantes, são tão diversos, e todos andam com o tema de que  
há um deus,  
que o pai, que há um filho, que Maria, que...  
Se todos esses, que são tão incoerentes, e tão diversos, que falam diferentes línguas  
Há pequenos núcleos, pequenos grupinhos em todo o império... isto é para ser levado  
a sério.

Isto é para ser levado a sério, por isso é que foram buscá-los por todo o império. Nos lugares mais afastados e mais distantes, ali tratavam de localizar a alguns cristãos e os levavam a Roma.

E aí com isso fizeram sua primeira teologia, fizeram os primeiros deveres, ensinaram-lhes a ler, escrever, barbear-se, banhar-se, tudo isso.

Que visionários!

E não, politicamente é um fenômeno.

É um fenômeno que entendeu que a coesão profunda de uma coisa tão vasta e ademais,

poderia dar-se por fatores espirituais e não por paus ou por... não, não, não.

Isso já foi pensado faz dois mil anos, por pessoas que escreveram isso.

Dar coesão significava pela coisa espiritual em andamento.

Certamente tomaram suas precauções: "vamos fazer crescer isso e depois vão nos questionar".

Então não, vamos colocá-lo em simetria.

A coisa imperial com a coisa religiosa.

Não, foi muito engraçado toda essa anedota.

Agora, deve ter havido um ato de desprendimento, entre aspas, porque colocar ao papa em paridade, (inaudível)

Sem nenhuma dúvida.

Ademais, já havia feito desprendimentos territoriais.

Uma das formas de evitar a desintegração entre o Oriente de Roma e o Ocidente propriamente, foi dividir o império em dois.

(inaudível) uma tradição na cabeça de Constantino. Deixar coisas.

Dividiu o império romano do Oriente e o império romano do Ocidente.

E o império romano do Oriente se assentou em um lugar, que era um lugarzinho irrelevante,

que foi a base do que logo se conheceu como a cultura Bizantina.

Imagina tudo o que teve que fazer para dividir o império, e se algo falhava, tinha reposição

Como aconteceu.

Observem a visão de semelhante movimento que naquele momento não deve ter havido uma interpretação do todo.

Caiu em 450 o império romano do Ocidente e o império romano do Oriente continuou mil anos mais.

Estava sendo descoberta a América desde a Europa e o império romano continuava de pé.

Era o império Bizantino.

Era cristão com variante, com a variante oriental, diferente do cristianismo do Ocidente com sede em Roma.

Que eram questionados por esses outros do império romano do Oriente.

Então se dividiu também a igreja.

Caiu o império e se dividiu a igreja.

E ficaram os cristãos ocidentais muito diminuídos

e os cristãos orientais organizaram a esplêndida civilização bizantina.

Mil anos mais!

Assim que veja só as coisas que fez esse personagem.  
Em geral não dá a impressão que Constantino seja tão valorizado, digamos, em grande escala.  
É claro, é que se meter na história de Constantino, é se meter na história do cristianismo.  
É problemático, é problemático.  
Por tudo o que fez, estava funcionando com uma visão dos processos.  
Mas para os cristãos foi como receber de bandeja um território, uma língua, um aparato jurídico, uma organização... tudo!  
Tudo!  
Respaldo econômico.  
É o que te parece.  
É isso segue (inaudível) em sequência.  
Durante muito tempo.  
Um esforço agora já dos cristãos para manter a coisa.  
Agora, o que dizia Andrés a respeito das imagens sofrentes.  
Essas são tardias, porque na iconografia cristã ocidental é imperial a coisa.  
Absolutamente.  
Aí está o Jesus e há um séquito e isso é imperial.  
Depois aparece a cruz e ademais, não sei se no românico ou inclusive mais tarde, passam muitos anos, mas inicialmente...  
Em Justiniano, por exemplo, no ano 500 e tanto, em Justiniano tudo é...  
É o cristianismo dos dourados, dos azuis, as maiólicas, todo esse armado.  
Daí sai.  
O relato sofrido para escravizar psicologicamente aparece muito depois.  
Muito depois.  
É muito engraçada toda a historinha, a historinha do cristianismo.  
É muito interessante, muito complexa e muito cheia de histórias.  
Agora é interessante, Negro, como neste momento se poderia fazer uma espécie de paralelo com aquela época em termos da desintegração...  
Ah, a desintegração, bom isso acontece de vez em quando no mundo qualquer império de, suponhamos, os 20 impérios reconhecidos, os 19 segundo Toynbee.  
Os 19 impérios reconhecidos na história mundial têm seguido ciclos muito parecidos, ciclos muito parecidos, sim.  
O Ciclo da etapa de desintegração se deu em todos eles. O que sobrou do império Assírio? Que está no oriente médio.  
Sobraram nada mais que 6000 exemplares, que são uns pastorzinhos. Os Assírios, os que delimitavam seu império com as cabeças dos vencidos.  
Pirâmides de cabeças para dizer: "por aqui não passa".  
Os Assírios, os babilônios, todos chegaram a crescimentos importantes até que colapsaram.  
E em quase todos os lugares aconteceu que além de haver exigências externas e hostilidades externas, internamente, não tinham como.  
E no caso que tu falavas, a propósito de A Mensagem e dos Parques,

que mencionava a Guatemala, no sentido geo-histórico, que tem também essa mesma conotação.

Me dá a impressão que os Maias avançaram para, para a América do Sul.

Sim, e se desintegraram.

Desintegraram-se de tal maneira que fisicamente ficaram desvinculados entre diferentes grupos.

E, todavia estão os antropólogos e outros tratando de entender.

Por que se foram os Maias das cidades esplêndidas que haviam construído?

Desapareceram.

E se foram para a selva e se perderam.

Hoje ficam cento e cinquenta mil Maias, mas não eram os Maias de...

Desintegraram-se.

Seja do Oriente, no Ocidente, na África, na Ásia, em todos os lados

Produziram-se os fenômenos de desintegração dos impérios.

Os impérios têm que terminar em desintegração; é assim a lei desse processo.

E aparecem novos elementos, mas já não é esse império.

São as sociedades filiais dos impérios.

As sociedades filhas dos impérios.

E o mesmo ocorre nas religiões em que aparecem sociedades religiosas derivadas das sociedades mães.

Do judaísmo sai, religiosamente falando, sai o Islã

do judaísmo sai o cristianismo.

Tudo se baseia na idéia inicial, na atmosfera inicial, religiosa, do judaísmo.

Se dão pauladas entre eles; essa é outra história.

Mas o fato é que têm essa...

São as organizações religiosas que nessa parte do mundo são consideradas como as sociedades do livro.

Porque efetivamente, têm a Bíblia como a mãe ou o pai de toda a concepção.

E tanto o Islã como o cristianismo têm o livro por pai.

Depois tratam de fazer por artes mágicas para fazer desaparecer essa idéia.

e fazer crer que se trata de uma nova coisa.

Depois se faz isso. Por isso que se organiza o novo testamento.

Parece que o verdadeiro testamento tem duas variantes, o judaísmo,

e o novo testamento que não tem nada a ver

Então há outro livro que não é a Bíblia, que são os evangelhos,

já de nítido corte cristão, que tratam de lhe dar a linha, porém são sociedades filiais.

Politicamente, juridicamente e religiosamente se verifica esse assunto

de que quando lhes desintegra uma coisa aparecem os filhos.

As sociedades filiais.

Claro!

Essas são leis que construiu Toynbee e se vê claramente refletidas nas distintas culturas, em distintos momentos históricos.

Muito interessante essa mecânica.

Tema dos historiologistas é esse.

Dos filósofos da história.

Não dos que andam contando abobrinhas, não, não, não.

Os historiologistas têm esse tema de como são as leis das estruturas políticas, religiosas e outros.

É boníssimo!

Porém tudo do que falamos, meia hora atrás ou mais, são todas derivações que não têm nada a ver com o tema, porém bom...

Muito interessante!

É muito interessante.

Por outro lado tudo então no mundo era mais compartimentado.

Ao contrário hoje em dia é um desafio totalmente distinto.

Como incorporar raízes tão diversas, digamos algo... que transpasse mais além, que o...

É muito interessante tudo isso.

O fato é que em seu momento se impôs o Cristianismo numa área importante, que era a área do império romano.

E isso que queria evitar Constantino e outros, que era a dissolução e a desintegração finalmente aconteceu.

Agora, se necessitaram quinhentos anos mais, ou mil anos mais, porém o império se desintegrou.

Não pôde permanecer para sempre.

Seja pela invasão dos bárbaros, seja pelas diferenças internas, seja pelo que se queira,

porém não há nada eterno nessas matérias.

Essa eternidade que buscava Constantino.

É muito interessante.

Claro.

Bem.

Nós dizemos que esses pequenos grupinhos que radicamos em lugares, os radicamos em geral próximo dos Parques e fazemos ações nos Parques.

Porém senão, em salinhas.

Assim eram as organizações no mundo antigo do que foram os cultos

Eram pequenos. Hoje todavia podemos vê-los em distintos lugares.

Na Grécia por exemplo, as igrejas cristãs da Grécia não são enormes construções de mercado.

Não, são de bairro.

São igrejinhas pequenas

Que servem ao imediato.

E não essas coisas macro.

As igrejinhas essas.

As salinhas.

Claro, aquilo era mais imperial.

Não, era uma coisa...

São as salinhas.

Nós em salinhas.

Claro que nos interessa e nos parece muito bom para tomar contato com as pessoas que estão próximas.

Se nos interessa as pessoas e não as estruturas políticas do lugar.

Não que haja algum deputado, algum senador aí nessa. Não.  
Nos interessa o vizinho e tudo aquilo.  
Nos interessa a organização mais estreita.  
Que já estava em Roma, que era a paróquia.  
Por isso políticos como os radicais falam de paróquia para organizar seu partido.  
Bom, já sabemos.  
Os paroquianos.  
Os paroquianos são os que vivem na paróquia.  
E a organização essa mínimas era de paróquia.  
Que tinha relação direta com os que dirigiam o culto.  
Ou seja, com os sacerdotes das paróquias.  
Os sacerdotes eram um pouco chefes da igreja e outro pouco conselheiros.  
Chegavam às casas e nas casas os recebiam muito bem, por suposto.  
E chegavam e davam sua opinião e diziam: “não, que Mariazinha não se case com Zezinho,  
porque não seja coisa...que se case com o outro”, que tinha laços com eles.  
Iam organizando tudo bem.  
Bem, não... as diretivas que davam como chefes da igreja nas paróquias era muito interessante.  
Eram uma espécie de gurus que tomavam contato com o mais próximo  
Eram bem aceitos e bem recebidos pelas pessoas.  
Tinham um prestígio enorme, não era só um tema de paus, não...  
E isso se prolongou até muito atrás.  
Bastante tempo, depois já isso tomou outro aspecto.  
Era muito curiosa a organização de base da igreja.  
E sua organização de base era territorialmente muito pequena.  
Negro, não se poderia pensar em fazer Salinhas, Salas, porém como Salinhas também urbanas?  
Salinhas?  
Porém com a forma da Sala. Porém urbanas, seria muito lindo...  
Poderia ser, porém não digamos não é um tema nosso.  
Como se decora como se...  
Em todas as civilizações e outras, vamos encontrar passos muito parecidos.  
E as organizações de base de todo o mundo antigo, as organizações religiosas de base, são pequenas.  
Não são grandes construções.  
De nenhuma maneira.  
Agora claro, depois com o crescimento nos povoados e outros, e... se modificam muitas coisas.  
Essas organizações religiosas e outras, diversas.  
Era muito diverso o mundo antigo nesse sentido.  
Tinha também, se bem que não lhe dava solidez ao império em questão,  
tinha também uma criatividade muito grande,  
pelo advento de gente de distintos pontos.  
Imaginem o que foi, o que chegou a ser o Império Macedônico, isto é o Império Alexandrino.

Foi uma miscelânea horrível a partir de algum ponto de vista, de pessoas que vinham de todas as partes do mundo.

Porém foi um impulso tremendo à criatividade e às distintas coisas que nasceram aí no império Alexandrino.

Em que ano era isso?

Trezentos antes desta era.

Tremendo. E vinham tipos raros de todas partes do mundo.

Por quê? Porque tinham colocado uns trocados

e um lugarzinho que quase não existia, que tinha quando muito uns dois mil habitantes,

porém que gostaram pela sua localização geográfica e outras,

aí fundaram a cidade de Alexandria.

O fizeram com esquemas muito racionalistas. O fizeram em forma de tabuleiro de damas

De que?

De tabuleiro de damas, com ruas retas. Eh?

Como a rua A25, B52 eh?

Um pouco de La Plata.

Assim foram construindo sua cidade que cresceu.

Cresceu sobretudo com a chegada de tipos de outros lados.

Então tiveram que unificar várias coisas.

Por isso lhe deram tanta importância ao que logo se conheceu como a biblioteca de Alexandria.

E havia uma quantidade de exemplares vindos de todas partes do mundo, que traziam as pessoas.

Ademais as pessoas para poder se inserir nesse novo lugar, traziam respaldo; tudo que podiam.

Então traziam uns escritos ou papiros.

Ou traziam o prestígio desse personagem e ele... as universidades deles e outros, os tomavam.

Assim que foi muito importante o trabalho intelectual, aparte do trabalho político que se fez com a coisa alexandrina.

Espetacular.

Que perdeu potência e poder e outros.

Por que já?

Porque era disputa dessa nova cidade que havia surgido,

de bárbaros, que haviam alcançado certo crescimento e outros, que se chamou Roma.

Essa cidade começou a crescer, a crescer e via a disputa desses,

que manejavam grande parte do Mediterrâneo.

Os alexandrinos.

E então fizeram todo tipo de balbúrdias para tirar-lhes poder.

Até que finalmente anulavam o comércio de todas as zonas e todos os povoados, com Alexandria.

E foi perdendo poder, perdendo gás. Claro.

Muito espetacular toda essa confusão.

Esplêndidas civilizações, porém sobretudo com a contribuição de distintas formas culturais.

Havia uma enorme criatividade, havia muita coisa não uniforme.

O império Alexandrino é um dos exemplos mais claros desse fenômeno, diverso, de distintas culturas.

E certamente não durou.

Alexandria foi sendo minada de distintos lados, até que finalmente a converteram em uma província romana.

E na realidade havia sido uma província grega. Macedônica.

Essa pequena província, esse pequeno lugarzinho começou a crescer e outros.

Foi formada com pessoas, dos que dirigiam as operações e outros para colocá-la em marcha, eram Macedônios.

Assim começou a se construir Alexandria.

E então claro, aparece o segundo Egito, ou o terceiro ou o quinto Egito, com a participação intensa e muito direta nos negócios públicos dos macedônios.

São egípcios macedônios.

A mesma Cleópatra é uma macedônia egípcia.

Os Ptolomeus.

É uma Ptolomaica

Os Ptolomeus é um ramo que quando morreu Alexandre se encarregaram de uma zona.

Porque não se sabia quem ia substituir a Alexandre.

E este era mais louco que um busca-pé.

“E quem vai te substituir?”

E ele disse nada menos: “O mais forte”.

Ou seja que preparou condições para que se dessem pauladas!

Como, o mais forte?

Então uns se ocupam de uma parte desse império macedônio e outros se ocupam de outra.

Ao Egito tocou todo, todo um ramo dos Ptolomeus.

(Inaudível)

Claro, porém também tinham demasiados problemas Egito nessa época.

Montões de hordas e outros haviam chegado a dirigir Egito.

E ai têm, abissínios, e de todo tipo.

Assim é que era problemático o lugar.

Encarregar-se disso tem seu quê, tem seu... porém também tem seu problema.

Aí chegaram estes e finalmente tudo isso se converteu em colônia romana.

Então aparece outro talento em Roma.

Nessa Roma que estava crescendo enormemente, porém que tinha muita confusão, começa uma concepção de algum modo alexandrina, que é a de unir culturas.

Sim, claro.

Isso pretendia nada menos que Julio César.

Ele fez o enlace com essa grega-egípcia.

E entenderam todos esses procedimentos e sua direção,

o entenderam como um império que devia crescer em todas direções e não se limitar a Roma.

Assim que é uma idéia de algum modo parecida a de, he....

a de, sei lá eu, os imperadores Constantino e Diocleciano e outros, para dar-lhe continuidade.

Porém é muito distinto o dar-lhe continuidade não reunindo simplesmente as sobras, senão expandindo mais o que tinham.

Foi uma pretensão bastante importante que não pôde ser.

Porém a pretensão de Julio Cesar era a de fazer muito maior isso.

O culto a Ísis o levavam aí, nesse momento a Roma, não?

Como não!

É egípcio.

Claro que se levam a Roma.

Com as pessoas que foram.

He?

Com as pessoas que foram.

Claro, as pessoas que acompanharam a Cleópatra. A Elizabeth Taylor.

A acompanhou a Roma.

Com umas demonstrações e umas coisas extraordinárias.

E Richard Burton.

O culto a Ísis, foi muito importante, muito importante em Roma, onde já apareciam cultos de todo tipo.

Antes que se visse que a desintegração estava vindo e que tinha que ter um só culto e fomentar um só culto.

Antes disso, era uma afluência de jogadores de ossos, cartas, coisas, xamãs de todo tipo.

Por que?

E, por que aí havia uns trocados e aí chegavam todos esses.

Todos chegavam, de distintas partes do mundo, deretinho iam aí para fazer seu negócio.

Todos abriam seu quiosque e estavam aí, no melhor dos mundos.

Porém politicamente e tudo mais ia se desintegrando tudo.

E este entendeu essas coisas e disse: "Vamos ver como damos unidade a este assunto",

porém o interpretou como un crescimento maior até outros limites.

Mas o mundo antigo basicamente em sua base, em sua base,

era de pequenas organizações que tinham a ver diretamente com o povo nos lugares.

Que tinham contato direto, o menos intermediado possível.

O menos intermediado possível.

O menos intermediado.

Assim que vindo a esta cosa mais próxima, humilde e extramuros que aparece por aqui,

é a coisa da Mensagem e as salinhas e tudo mais,

é interessante e está proposta em termos muito humildezinhos.

Todo o contrário, todo o contrário da coisa que vem abaixo,

que é a coisa prestigiosa, a coisa retumbante, a coisa intermediada.

A tudo isso no fundo que não seria, lhe damos.

E se faz do defeito virtude.

De ser poucos, uma coisa importante.

De ter pouca extensão, eh, dar-lhe a importância de que não é intermediado, etc.

Tudo isso se enche de virtudes.

Essa coisa mínima, esse fracasso na vida cidadã e tudo mais

se converte em uma virtude, pelo menos neste tipo de organização.

Muito gracioso.

Nós não necessitamos muito mais que pequenas organizações comunitárias que, isso sim, tenham um núcleo para se conectar.

Os modos de comunicação hoje são imprescindíveis.

Que as Webs, hoje não mais manejam as relações por papiros ou por chasquis

que fazem quilômetros e deixam uma coisa ao outro e o outro o toma, como o faziam os Incas.

Não, agora se fazem com coisinhas, com bits.

Mas se busca a conexão.

Se busca a conexão em um sistema de conexão cada vez mais confuso, multiplicativo, onde não ficam referências claras.

Alguém se mete nas Webs e tudo mais e vai ver sapos e gansos, tudo mesclado.

Tudo mesclado com coisas de distintas partes do mundo.

Tudo isso vai na Internet.

Então não se sabem as prioridades.

Não se sabe se é mais importante uma organização política, sei lá eu, ou uma festa de rock.

Não se sabe.

Tudo isso vai mesclado.

E com uma participação crescente dos cidadãos em todas as partes do mundo, o que vai aumentar muito mais a entropia todavia.

Então vamos nos encontrar com algo que não tem nenhuma coesão, e vão se sentir seus efeitos em muitos campos.

Interessantíssimo.

A situação de hoje tem alguma graça também.

Não é a pior era do mundo, de nenhuma maneira.

É uma era também muito graciosa e muito interessante, com muita contradição interna.

Essa contradição cresce e cresce e vai crescer até limites toleráveis, depois disso não vai crescer nada.

Bom, mas não é tema da conversação.

Assim é que nós, voltando a nossas coisinhas, buscamos nada mais que isso.

Uma salinha, com um núcleo de pessoas que faz algum estudo, uma coisa.

Difunde sua Mensagem a pessoas que estejam mais ou menos próximas.

Seu núcleo deve estar presente, e toma o nome do lugar onde se apresenta.

Ou seja o esquema, o esquema da Mensagem, é tão penca, é tão, tão, como esquema,

é tão pouca coisa, que não se sente inspirado para colocar em marcha isso.

Cada um está para coisas importantes, não para bobearias.

É muito... tendemos a isso, a que seja uma coisa muito pequena.

De contato bastante estreito com as pessoas que rodeiam a isso.

E sem nenhum tipo de organização, sem nenhum tipo de organização que possa levar à intermediação.

Não nos interessa particularmente.

A Mensagem.

A Mensagem, já saindo destes temas organizativos, porque imaginem se nos metemos em uma civilização com toda sua história e tudo mais, imaginem.

Que te parece Ayyappa se nos metemos na civilização indiana?

Não temos como terminar.

Assim que falamos dessa partezinha que tem a ver com Roma, uma parte do planeta. Mas todas as outras culturas e civilizações, é uma barbaridade.

Bom, a nós, dizemos, interessa essa coisa pequena, mínima, direta.

Com uma Mensagem, também o mais fácil possível.

Às vezes não resulta tão fácil, mas é um esforço nessa direção.

Um esforço na simplificação.

Um esforço no pequeno, mais que no grande

E com um componente importante que tem a Mensagem, explícito ou implícito, que hoje chamaríamos espiritualidade.

Tem essa coisa, às vezes explícita, às vezes implícita, mas têm esse traço de espiritualidade.

Todas as atividades da Mensagem.

Não é apenas um tema organizativo, de se as salas, se as salinhas, se os núcleos, se as conexões, se... não, não, não.

O que está como motor de tudo isso é um tipo de espiritualidade.

Que não sabemos o que é.

É uma espiritualidade que não é uma religião. Não pode ser uma religião.

Seus livros são comentários e tudo mais. Não são livros sagrados.

Seus materiais são móveis. Não são eternos.

Suas hierarquias não existem.

Assim que não podemos homologar com muitas outras situações.

Mas sim sabemos que algum tipo de religiosidade há aí, mas não religião sequer.

Religiosidade.

Montões de pessoas da Mensagem com certeza são ateias.

Com toda certeza.

Não lhes cabe na cabeça que haja um deus barbado.

Não lhes cabe na cabeça a ideia, nem de longe.

Não gostam de fumaça e toda... e contudo andam no tema da Comunidade porque têm uma religiosidade, algo que lhes ressoa internamente.

E mais que isso é uma mística também

Mas não é uma religião.

E tem componentes espirituais.

Como não se sabe o que é o espírito, fica tudo dançando.

Mas, vai se notando. E como, onde vai se notando?

Vai se notando como uma tendência mundial no mundo de hoje.

O mundo de hoje está crescendo em sua espiritualidade.

De um modo incoerente, como cresce a internet, de um modo... mas está crescendo em todas as partes do mundo.

E é muito difícil para o mundo que se vai, entender que começa a crescer uma nova espiritualidade.

É muito difícil para esse mundo e para as pessoas que estão adscritas a esse mundo.

A única resposta que têm ao crescimento da espiritualidade no mundo de hoje, quer dizer que é um regresso para o medieval, que é um regresso para trás.

É a única explicação que têm do crescimento da espiritualidade,

em um momento que se supõe, depois da revolução francesa e tudo mais, que já a espiritualidade vai diminuindo.

E assim se dizia até há poucos anos.

Pouco a pouco a espiritualidade vai desaparecer e pouco a pouco vai acabar esse problema a futuro.

Então a ideia de futuro que eles têm é a ideia da eliminação das religiões com o passar do tempo.

E claro, o que vai acontecendo é que começam a crescer formas religiosas, religiões completas também e formas larvadas de espiritualidade que não coincidem com o esquema.

O esquema dos iluministas. Cinco pilhentos da revolução francesa.

Mas são coisas que chocam ao tipo inteligente e intelectual de hoje.

Tem que lhe chocar. Como, com tudo o que se alcançou.

O homem na lua, o microscópio, bom...

como, com tudo o que alcançou, vai vir um filho da puta falar de um barbado.

Essas são coisas que aconteciam antes.

Não as podem colocar no futuro, tem que colocá-las antes.

Assim é que há um deslocamento de tempos com o regime estabelecido, que a nós nos coloca em uma dialética muito virulenta.

O que para vocês é o passado, para nós é o futuro.

Porque, enfim, tudo assim.

E efetivamente está crescendo em todos os lados uma espiritualidade explícita ou implícita.

E a comunidade da Mensagem, já que estamos nisso,

é uma força que vai abrindo passagem pouco a pouco por seus componentes espirituais, não por outra coisa.

Você acredita que vai ser pelo atrativo que tenha uma salinha?

Não por isso chega ao coração das pessoas.

Ao coração das pessoas, pelo conteúdo espiritual.

Assim que aqui não se necessitaria buscar a esses intelectuais que se convertem em teólogos dos novos momentos. Não, para que necessitamos de um teólogo, para que necessitamos de um filósofo.

Não é assim, tem que ser simplezinho e o mais simples melhor.

Isso é o que vai abrir passagem em um mundo cada vez mais complicado, mais desordenado, mais revoltado.

Vai abrir passagem diante de alguns códigos, poucos códigos, que cheguem às pessoas

e que toquem o essencial das pessoas que cada dia vai ser vez mais diversa.

Como vão se comunicar a todas as pessoas entre si, se não se entende cada um nem com seu próprio espelho. Já não há associações de duas pessoas sequer. Não falemos de sindicatos, partidos... isso não existe. Se faz força. Há grupos que fazem força para manter essas estruturas. Isso para nós se foi. E então, como será? Será com os traços essenciais das pessoas. Esses serão muito parecidos. Então conectar com os traços essenciais das pessoas têm sua graça. Os traços essenciais não vão estar dados pelas diferenças políticas, nem religiosas tampouco. Não são nem sequer culturais. Não são culturais. Não são culturais. E o que são os traços essenciais Negro? São o que os fenomenólogos chamariam as essências dos processos mentais. E aproximando-nos mais ainda, é o que alguns psicólogos descobriram de que as pessoas são muito distintas, mas a cada uma delas, colocam por exemplo, cem pessoas de distintas culturas, estaturas, pesos, e tudo mais, se eu me encarrego de apertar-lhe o globo do olho a cada uma, e todas veem chispas... Bom, é um fenômeno fisiológico. Claro, entre outras coisas. Isso é tão essencial que se a todo o mundo se aperta o globo do olho vê luzes. E isso o que quer dizer? Isso diz muito. Então, o que se vê nestes trabalhos? Se vçe que se tocamos o globo do olho ou outras coisas que são iguais em todas as pessoas. (inaudível) Isso se viu, pequenininho, mas se viu. Muito impressionante, mas é um fenômeno pequenininho ainda. Mas claro, aquele que está esperando isso, pode ver. Pode ver. São as coisas comuns nas pessoas, independente de sua cultura e de sua conformação e de seu intelecto. Coisas comuns nas quais trata de se mover a Comunidade da Mensagem. E se quer diferenças, e quanto mais superficial te faça, mais diferenças vai ver. Começa na roupa e termina... Em nosso caso é ir na direção oposta, como de costume. Não para a roupa, não para a diversidade, mas sim para essa coisa íntima, cada vez mais profunda e similar a todos. Então, da religiosidade que falamos e tudo mais é de uma religiosidade profunda. Quanto mais profunda, melhor, porque não entra a diversidade. Ah, então nós estamos contra a diversidade? Falando da coisa espiritual estamos a favor do que unifica as pessoas. São giros curiosos.

E colocamos especial importância no que as pessoas sentem, experimentam.  
Não diz, ou se menciona.  
Não se baseia nos jornais,  
e nos comentários da intelligentsia. Não.  
É o que as pessoas experimentam, sentem em profundidade.  
Às vezes o esforço é ajudar para que as pessoas possam sentir profundamente.  
Entrar nesse circuito que nós chamamos, os espaços sagrados, ou a interioridade profunda, ou...  
Aí vamos.  
Isso dá lugar à chamada religiosidade ou essas coisas profundas.  
Assim é que discutir ideias e tudo aquilo é bastante fora de lugar,  
desde o ponto de vista da comunidade da Mensagem, ou da Mensagem.  
Não será por ideias, não será nem sequer pelo que as pessoas fazem.  
As crenças podem bailar enormemente.  
O único que nos interessa destacar é o que acontece nos espaços profundos.  
Isso nos leva a outras coisas.  
A concepções muito complexas.  
De que coisa é a mente, como trabalha, o que é isso dos espaços profundos,  
como vamos falar de espaços se são fenômenos mentais.  
É que há uma espacialidade, que segundo cada um entre nela se registram realidades distintas?  
Bom, isso já são outros temas complexos. Mas isso está trabalhando.  
Se nós nos metemos em alguns pontos de nossa literatura, em outros campos,  
vamos descobrir todos esses elementos que estão pesando muito  
e que na comunidade da Mensagem se veem, sem andar dando explicações.  
Às vezes se fala na Mensagem, se fala do, sei lá eu, do sentimento profundo,  
de uma certa mística, da religiosidade interna.  
Às vezes se fala dessas coisas, mas são coisas que sabemos têm muito peso,  
muita consistência, e se vamos ao caso, muito mais ideologia que estas.  
Mas não nos fazemos fortes com essas ideologias.  
Nos tornamos fortes com experiência interna e direta.  
E as pessoas sentem ou não sentem e ponto. E há pouco que discutir aí.  
É muito gracioso.  
Podem acontecer fenômenos. Sempre estamos atentos a isso.  
Terá que haver certos sintomas, mas podem acontecer fenômenos psicossociais que  
são os que em princípio nos interessa.  
Porque não nos interessam somente os fenômenos psíquicos individuais.  
Nos interessa o que conecta as pessoas.  
E então pode haver fenômenos psicossociais de conexão entre os psiquismos.  
E fenômenos muito vastos e muito velozes, de grande poder de contaminação,  
se ocorrem certas condições, nas que as pessoas comecem a registrar isso, mas  
massivamente.  
Fenômenos psicossociais, massivamente.  
Há muitos exemplos também na história de surgimento de fenômenos psicossociais.  
Nas religiões costuma acontecer isso também.

De três ou quatro camelheiros no deserto que levavam mercadorias de um ponto do Mar Vermelho, bom, ao Islã.

Sim, isso se desenvolver em poucos anos.

Em poucos anos.

O Budismo se desenvolveu em poucos anos.

Depois têm outros avatares: o choque com o Hinduismo, seu declínio, o substituto desses vastos territórios aos que haviam chegado, o retrocesso, enfim.

Mas foi uma coisa veloz, em vida do Buda.

Depois têm que fazer seus Concílios e aparecem as diferenças nas sangas, nos grupos, mas é muito veloz em sua colocação em marcha.

Os fenômenos psicossociais.

O Islã é um dos mais curiosos fenômenos de contaminação psicossocial.

E como de costume aqui não estamos falando nem do verdadeiro nem do falso, estamos falando de fenômenos.

Que são fenômenos sérios e que podem se soltar em qualquer momento.

Não falo de nós, falo de uma fenomenologia do contágio psíquico que pode acontecer a qualquer momento no mundo.

Em qualquer direção?

Essa é a parte grave. Em qualquer direção.

E esses são processos de acumulação prévia ou se soltam?

Não, se soltam, mas com prévias condições.

E essas condições podem dar lugar a monstruosidades ou podem dar lugar a coisas sublimes.

Mas, são de grande velocidade.

Claro que sim.

E quais são, mais ou menos, essas condições?

Bom isso é já outra história e já nos metemos no particular do particular.

Sim, como não. Podem ocorrer fenômenos desse tipo.

Nesta época revolta pode se colocar em marcha.

Claro que sim.

E que traz consequências isso em todos os campos.

Não fica no campo do espiritual, por assim dizer.

Coloca em movimento todas as atividades humanas.

Tudo é afetado por esses fenômenos de comoção psicossocial.

Muda a arte, muda a política, muda a organização social, muda um montão de coisas, por umas coisas raras que diz um tipo que andava com um camelo.

Assim é que são fenômenos...

E podem se produzir vários em simultâneo, em concomitância?

Sim, pode, mas claro, nestas épocas de mundialização, finalmente o geral, o que toca a todos, vai ter muito que dizer.

Assim que aqui estamos nós com nossa organização mínima.

E com propostas mínimas.

Aí estamos.

Eu creio que vão se produzir, em pouco tempo, reuniões das distintas comunidades da Mensagem.

Pessoas que estejam mais ou menos próximas em certa área,

tenderão em certas ocasiões a fazer seus concílios, a fazer suas reuniões.  
Sim tenderão, tenderão. Esses que estão acostumados a essa coisa pequenininha das comunidades,  
esses, certamente que em determinados momentos vão se reunir.  
(inaudível), e houve reuniões (inaudível), da Marcha...  
Agora sentiam essa necessidade de juntar essas diferentes comunidades como para ir intercambiando.  
Façam o que façam, o que não devem perder é a coisa dessa comunidade com esses núcleos.  
E além do mais, que se somem, que se multipliquem.  
Está bem, bem vindo.  
Vai mostrando efeito isso.  
(inaudível) tendência à uniformidade... (inaudível) Como vai ser...  
Nós de uniformidade nada e o respeito por esses pequenos núcleos trataremos de conservá-lo.  
Agora, que as pessoas se agrupem e tudo mais, bem vindo, bem vindo.  
Podem haver expressões bastante grandiosas nease sentido,  
mas sempre é somatória de coisas pequenas.  
Somatória de coisas pequenas.  
Assim é que vamos, creio eu, a momentos onde distintas comunidades se toquem.  
Pode durar pouco tempo, mas semelhante contato provoca perturbações no mundo do estabelecido.  
Sim, sim, sim.  
Muito difíceis de entender esses fenômenos porque vão por essas vias.  
No mundo atual, bom, já não tão atual, mas se usavam palavras que mostravam isso de que,  
de coincidências ideológicas. Se chamava de convocatória.  
Se usava muito a palavra convocatória.  
O que é o convocante deste fenômeno?  
Se não se explica o que convoca não se sabe o que acontece.  
Além disso não pode existir algo que não tem essa força convocante.  
Eles acreditavam ou viam as coisas ao contrário.  
Então, o convocante o que pode ser?  
A grana?  
O que pode convocar?  
Os bancos?  
Quem mais pode convocar?  
Quem mais pode convocar?  
A palavra convocante está muito ligada a essa forma de narração.  
Geralmente há um elemento como ideológico,  
o observamos na marcha carnavalesca,  
essa que dizemos em 2 de outubro, em Santiago,  
me encontrei com uns jovens conhecidos,  
que haviam sido alunos meus e me dizem:  
-Olá, tudo bem?, é um prazer saudá-lo.  
-Este... E quem te convidou? - lhe pergunto.

-Um amigo. - me diz.

-Ah! E o que faz teu amigo

-Não sei. - me diz.

E ele veio, digamos, convocado pelos jovens,  
pela onda geracional que foi correndo,  
que algo de que se juntavam os jovens em um lugar,  
e que iam marchar e que a Paz...  
e tudo assim, mas aí, havia três mil.

Sim, claro.

E ninguém sabe nada de nada e tudo está bem.

Claro, porque são bastante utilitários, para que vão saber? Saber o que?

Claro havia outros intangíveis.

Intangíveis, com certeza.

Sim, o fenômeno psicossocial está próximo, está por se produzir em distintos lados ou em geral.

E fenômenos psicossociais de outra natureza que sabemos vão crescer.

Socialmente falando, esses fenômenos psicossociais como os desbordes.

Quer dizer, choques com o sistema.

Desbordes de todo tipo, sem explicações do porquê está acontecendo.

O que vai dizer quando dez mil jovens parisienses começam a queimar carros?

Vai ter uma explicação peregrina: "Ah, bom é porque são descendentes de árabes..."

Bom, bom, bom, assim se pode dizer qualquer coisa.

Mas, argumentalmente falando...

E começa a correr desde Paris e começa a tocar a Alemanha e ao invés de ir, depois declina,

porque todavia não é seu momento, mas os sintomas estão.

Então, claro, é bastante difícil entender os fenômenos de desborde.

E os cortes que vai fazer, tem que ver o que vão terminar dizendo os sociólogos.

Vão falar do per capita que tem cada um dos que queimam carros. Essas coisas. Eles vão tratar de interpretar como podem.

E para isso são pagos, para isso têm um salário, um lugar na universidade e tudo mais.

Têm que dizer algo.

Claro.

E as publicações dos que querem vender essas revistinhas.

Então todo o mundo tem que dizer alguma coisa e ninguém entende nada e tudo está bem e Alá é grande.

Um fenômeno importante também pode ser isso do desborde mas, nas religiões.

As religiões não é que vão declinando, como andam dizendo os bisbilhoteiros.

Nas religiões podem haver alguns verdadeiros cismas, verdadeiros...

Ou seja fenômenos de desbordes.

De desbordes.

Entre religiões?

Na mesma religião!

Dentro das religiões.

Essa coisa tão sólida que parece ver nesse islamismo que cresce e tudo mais,

não se engane, que pode se armar alguns conflitos importantes.

Muito importantes.

Estão se escutando muitas coisas em distintos grupos islâmicos, muito ativos todos eles.

A coisa espiritual é muito forte, é crescente.

Mas que as pegadas que vão formando, podem ser de muito choque interno, de muito choque interno.

E já não se trata das heresias clássicas dentro de uma grande religião, mas sim de grupos humanos importantes que colocam em xeque aos outros grupos.

E estão rachando, isso sim, as estruturas de controle.

As estruturas de controle estão rachando rapidamente.

Por isso se entende nesse contexto o desespero dos fundamentalistas, que querem controlar o todo e não lhes sai...

Mas, claro, tem a ver com a atividade que desenvolvem.

Mas tem também umas secessões internas muito fortes.

E isso pode chegar a coisas extraordinárias.

Assim é que neste mundo tão móvel, tão mutante, há fenômenos que vão dar para muito.

Hoje não se veem, mas vai bem tudo isso.

Os desbordes, e os fenômenos que dão para muito, e que vão se desatar com força, com certeza.

E isto vai conectando, involucrando tudo.

Começam sendo fenômenos distritais, pequenos, provinciais, nacionais, e terminam já na época das regionalizações, sendo fenômenos regionais que vão por cima dos países

e vão terminar como fenômenos continentais.

Se está em uma época de; em um momento, de regionalização.

E vão tomando prioridades sobre os países, as regiões.

E isso cria umas tensões muito grandes

porque os partidários dos países dizem que não podem abandonar a soberania.

E se há uma comunidade de países, essa comunidade pretende dirigir a todos os países.

Coisas assim se escutam.

Os nacionalistas em toda Europa têm sérios problemas com que a Comunidade Europeia tenha um ponto de referência e de organização que é Bruxelas.

E muito bem o fizeram, no sentido em que Bruxelas, Bélgica, não tem um poder político, nem econômico extraordinário.

Elegeram bem para colocar, sua organização regional, em lugares que não podem se impor, nem a pauladas, nem pelas armas.

Todos chegaram à conclusão, pela experiência histórica que têm, de que é muito interessante que se coloque esse centro administrativo em um lugar.

Não obstante isso, os nacionalistas de toda Europa bufam contra a Comunidade dirigida desde Bruxelas.

E não está dirigida desde Bruxelas na realidade.

Mas eles sentem assim.

O que está vindo abaixo é a organização nacional.  
E isso vem acontecendo nos países, com o crescimento das regiões.  
E todas as regiões vão se agrupando, já na coisa continental. Continentes inteiros.  
E os continentes inteiros já se tornarão outra figura.  
Não sem conflito, não sem conflito.  
Até que chegue o momento, vai saber quando seja, de que se comece a perfilar o mundial, o mundializado.  
Mas isso está longe.  
Bom, esses são já temas de desenvolvimento próprio dos historiólogos, a direção que vai tomar esse processo.  
Mas certamente que este processo que hoje vai pela regionalização, vai crescer mais.  
É visto também com força, Negro, na coesão progressiva do indigenismo americanista.  
Na América se nota isso.  
Que estivessem tão mal posicionados durante muitos séculos, com tanto colonialismo e tudo mais,  
mas lhe dando forma a toda uma nação indigenista.  
Supranacional.  
Exatamente, supranacional.  
Claro, são como regiões.  
Estiveram muito pisoteados, com genocídios, com isto e com o outro, a exploração; e contudo foram articulando sua nação.  
Claro.  
Não sem conflito.  
E hoje em dia, os que não entendem bem isso, o confundem com o folclorismo.  
Então as nações deste continente, essas coisas nativas, com raízes e tudo mais, parece que quando se fala do indigenismo e tudo mais, se está falando das vestimentas,  
o que comem e algumas dancinhas.  
Até aí chegam. Essa é a essência para estes, a essência dos fenômenos indigenistas.  
Folclore.  
Para folclore estamos.  
Também passou toda Europa pelo folclorismo em seu momento.  
E todos os outros continentes.  
Claro. O folclorismo é a parte mais externa do fenômeno cultural.  
E claro colocam muita importância nas roupas, nas comidas.  
Tudo é externo, bah. Tudo o que não é.  
É muito forte, isso.  
Sim, são vistas essas coisas.  
São vistas essas coisas.  
Neste processo psicossocial, são como rupturas.  
Sim, sim.  
Mas é a consciência humana a que vai criando e recebendo essas perturbações.  
Humano. É a consciência humana.  
É desde o mais profundo onde vão se produzindo esses fenômenos.  
Bom, na realidade estamos já faz tempo comentando outras questões que não têm a ver estritamente com a Mensagem,

mas sem dúvida são temas que interessam.

Bom, bom.

As pessoas terão suas ideias e tudo isso. Bom, bom.

Mas trataremos de armar nossas pequenas comunidades, nossas salinhas e tomara que fenômenos que vão mais além disso e se produzam relações entre todos eles em determinados momentos.

Sim, vamos às concentrações de pessoas.

Coisas para os que... para os teóricos maravilhosos deste momento, para os que não têm resposta e não podem alcançar nenhuma convocatória.

Isso que gostam tanto. Não, não convocam a ninguém.

Têm que apelar a coisas que não são.

Se quer um politiqueiro subir a um palanquinho e dizer coisas e que alguém o escute, tem que colocar a uns guitarreiros ao lado,

tem que colocar vários tocadores, tipos que façam ruído, para atrair interesse.

E então os diários vão tirar a foto de quantas pessoas foram escutar.

Não, não foi tanta gente escutar esse sujeito.

Toda a parafernália que foi desenvolvida ao lado, que não tem nada a ver com o fenômeno,

é a que depois se publica e fazem realimentação

de quão populares foram esses politiqueiros, e coisas desse tipo.

É algo.

Mas não vá colocar a discutir com tudo, porque tudo está em discussão. Que fodido.

Demasiado trabalho que nos tira de tema.

Mas sua convocatória, cada vez é menor.

E bom, algo fizeram.

Mal.

E a Mensagem vai na direção então do profundo.

Aquilo que conecta aos psiquismos.

Porque no fundo está se avançando nessa direção

Aquilo que conecta aos psiquismos e produz esses fenômenos psicossociais.

Vão nessa direção.

É assim.

Então efetivamente, o simples aqui há de buscá-lo na dimensão "z", digamos.

Exato.

E não pelos outros lados. Pela direção de que tem não sei o que.

Isso não existe.

Bem, estamos no momento em que não vamos conversar de todos estes delírios.

Mas sim vamos tratar de conectar a todas as comunidades e através dos núcleos.

Vamos nos basear nestes livrinhos elementares.

E vamos tratar de que as pessoas em todas as Comunidades, não apenas tenham os livrinhos, mas sim que os trabalhe.

Se toma a Mensagem e toma as cerimônias da Mensagem e tudo mais

e as pessoas se colocam a trabalhá-las,

vão ter um grau de esclarecimento muito distinto

ao ter uma apresentação de livros.

Porque não vamos acreditar que se estudem tanto estes materiais.

Não se estudam tanto.

É mais bem a atmosfera. Está bem, sabemos a força que tem e aonde vamos.

É a atmosfera que rodeia a estas coisas a que tem essa dinâmica.

Mas necessitamos minimamente estudar do que estamos falando.

Isso podem fazer, podem dinamizar, os núcleos das distintas comunidades.

Falar de reuniõezinhas em que se toquem temas e que sempre haja um tema para desenvolver, ainda que seja muito breve.

Sejam pensamentos, sejam formas de mensagem.

Sempre deveríamos ter uma mensagem na porta em nossas reuniões, por humildezinhas que sejam.

Sempre a coisa cerimonial deverá ter alguma presença.

Cerimônias muito simples, o que se queira.

Mas a coisa cerimonial deverá estar presente.

Deverá estar presente. São experiências enlatadas.

E não vamos nos preocupar por muito mais neste momento.

Estamos aí. Estamos nisso.

Tratando de entender, tratando de estudar um pouco.

Tratando de nos reunir com as pessoas que estão nisso, intercambiando muito e não mais.

Tudo muito pouco espetacular, muito em voz baixa, muito caladinho.

Mas vão crescer esses fenômenos.

Aí estamos.

Pouquinho nas explicações da Mensagem, o outro dia da bagunça.

E pouquinho nas explicações profundas da Mensagem, agora.

Porque não há nenhuma bagunça, mas também vamos por outros temas.

Mas se reparar no pouco que falamos da Mensagem em si, de seu funcionamento e tudo mais, já vai ver.

Pouquinho.

Então tendemos a outras coisas.

E é porque faltam, aparentemente, elementos na Mensagem.

Então rapidinho vamos a outras, a outras coisas.

Isso seria tudo.

Então, fica oficializado o assunto dessas webs?

E o que vai acontecer com outras webs que tenham distintos núcleos da Mensagem e tudo mais? O que vai acontecer?

Como vai ser isso?

Porque há outras webs.

Webs de Comunidade, perfeito.

Vão estar incluídas nestas duas webs

Claro.

Assim é que se as pessoas querem armar suas webs e suas coisas, dá-lhe.

Que problema há, não faltaria mais.

Mas nós reconhecemos essas, que têm essa coerência mínima.

Silvia, então a web para espanhol e português é: [elmensajeedesilo.org](http://elmensajeedesilo.org)

Ponto net.

Tem o mesmo formato. Entra a uma e pode ir a outra e vice-versa.

Nas duas páginas se refere a outra.

Isso é bom.

Negro, poderíamos, por exemplo, fazer coincidir essas mudanças de estações do ano para convergir nos Parques?

Poderíamos, nada impediria que nos reuníssemos estacionalmente.

Sim, poderíamos.

Digamos que não é algo que...

mas sim que poderíamos dinamizar isso. Sim.

Perfeitamente.

O que?

Dizia algo?

O que pensava?

Eu pensava. Ela dizia.

Bom, muito bem.

Não, que de fato as estacionais, de algum modo, viemos fazendo.

Por aí não lhe metemos toda a...

Sim, sempre há uma coisa estacional flutuando.

Há outras mensais, como os pedidos.

Também, também.

Têm algo de cerimonial essas coisinhas. Estas datas.

E com muita, muita gente sempre. Sim.

Os seminários, também, do manual. Mensais.

Também, também.

Assim é que temos nestes elementos, muitas coisas para fazer.

Na questão de dar dinâmica.

E não temos nenhuma confusão com coisas que fazem as pessoas, ou que acontece com as pessoas,

em seus acontecimentos políticos, em seus acontecimentos econômicos...

Nem fu nem fa.

Muito bem. Se estamos, estamos.

Se estamos, estamos.

E não muito mais.

Certeza que vamos ter reuniões.

Sem saber agora em que data vão ser, mas certeza que vamos ter reuniões.

Nós com as coletividades, as coletividades entre si.

Seguro que vai se produzir esse problema, essa bagunça.

Certeza.

E não pensamos nem de longe paralizar essa atividade.

Vão haver atividades que vão tomar sua dinâmica.

Não pensamos paralizá-lo em absoluto.

Muito bem, estamos, muito obrigado.

Obrigado a ti Negro.